

As meninas da Vila Galvão



Patricia Palumbo

Rua de terra, letreiros pobres, chão molhado, clima quente de começo de verão. É a fachada de uma noite num mundo de poucas palavras.

Vila Galvão. Há três anos a zona de São Sebastião — cidade do litoral norte paulista — fica no fim da Rua da Praia. Era no Bar Paris que as coisas aconteciam. Ouvindo as reclamações das famílias sebastianenses — que não queriam ter seus rebentos misturados com "Aquele Gatinha" — o prefeito Décio Moreira Galvão "isolou" as meninas num local afastado. Em homenagem ao benfeitor, este lugar ficou conhecido como Vila Galvão. (Hoje as famílias estão satisfeitas. Mas quem foi para a Vila ainda está espe-

rando pela rede de esgotos. Todos os detritos escoam para a rua.)

Flórida, Playboy, Gracie Kelly Drinks, são as boates mais frequentadas do lugar. Lá dentro a vida corre mais rápido, diferente, perigosa. Universo pulsante de energia, de olhares, de gestos. O envolvimento é inevitável: "A zona é sonho, é fantasia. É mais do que o Fantástico, é o verdadeiro show da vida". Essa é a versão do homossexual dono de uma boate, sobre sua vida na noite.

Este é um lugar onde os extremos convivem: "No dia seguinte, a única saída é enfiar o dedo na goela e botar tudo pra fora", palavras de uma menina pouco satisfeita, mas resignada.

Muitas dessas meninas se iniciam muito cedo. Já foram domésticas, passaram por casas de massagem, sofreram desilusões amorosas, problemas com os pais: "Minha mãe me pegou fumando maconha no banheiro e me expulsou de casa." O trabalho de algumas, das iniciantes é dançar de biquini ou topless num pequeno palco com fundo de espelhos: "Tinha 16 anos quando comecei. Fazia dois dias que não comia; pintou um balé e eu encarei."

As mais bonitas ou as mais experientes fazem performances individuais. São os "shows". Alguns são bastantes sensuais, outros pornográficos, teatrais ou até patéticos.

Algumas meninas não queriam ser fotografadas: "Minha família sabe que eu trabalho numa boate; eles não sabem o que é uma boate". Outras já viram uma oportunidade de promoção: "Espera eu pegar o microfone depois você bate a foto."

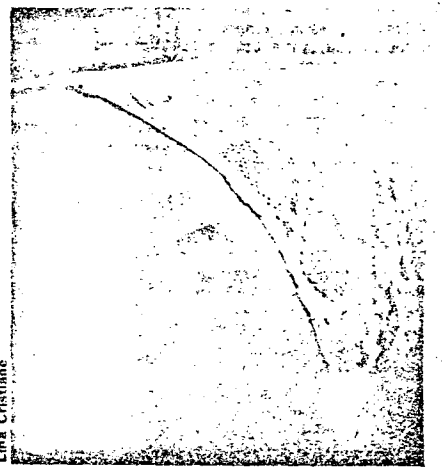
Na Boite Flórida são 52 meninas, na maioria muito jovens. Com menos de 20 anos já têm filhos e mesmo grávidas continuam na noite. Embragada e grávida — talvez de oito meses —, uma menina reclama que o sol está lhe fazendo mal. Uma outra retruca, avisando para tomar cuidado ou vai perder o filho por "excesso de sol". Este ano já perderam sete crianças — e das maneiras mais escabrosas, como uma que permaneceu vinte dias com o feto morto na barriga. "Só um sobreviveu este ano, os outros sete estão todos enterrados aí atrás."

Punhos fechados, olhares vagos, atentos a objetividade da conquista. Flashes da realidade da noite. Realidade que nem a música, as luzes ou as cores disfarçam.

Nas meninas, a força e a fragilidade. Demonstram muita garra de viver, tem arte e tem mania neste mundo que dominam. Elas são as meninas da noite. No entanto, diz a loirinha segura de si, "quando eu era honesta só me ferrei na vida; foi aqui que encontrei carinho, pessoas bonitas..." A maioria das meninas demonstra querer muito bem à cafetina, a quem abraçam e chamam de mãe. A Boite Flórida parece ser uma grande família, com brigas, afetos, intrigas e união comum à todas elas.

As meninas são vulneráveis como todas as pessoas. No fundo têm os mesmos sonhos: um cara que vai tirá-las de lá, um futuro melhor, uma relação sincera. "Tá vendo esse passarinho aqui?" — mostra a tatuagem no braço — "Quando eu encontrar um cara que me ame de verdade, vou fazer outra igual junto desta."

Patricia Palumbo / Lina Cristiane



Lina Cristiane

A batalha de Saravá no mundo da música

Marco Antonio Ismael, ou 'Saravá', como é tratado pelos amigos, tem 30 anos de vida. Vinte e um são de música, com 16 de cavaquinho e o violão sempre do lado: um bom amigo, eu diria. É professor e estudante de violão e de tudo que lhe chegar nas mãos.

Já fez de tudo um pouco no ramo musical. Entre 1976 e 1978, foi introduzido num grupo de samba do qual ainda faz parte (Grupo Tchan). É claro que modificações se fizeram e ainda estão por vir, mas 'Saravá' está lá, firme. Perto de um ano atrás montou, com mais quatro amigos do conservatório onde trabalha, o conjunto 'Salada Mixta'. Tudo aconteceu por causa de um pequeno festival onde conseguiram um terceiro lugar com o 'funk' 'Cadê você?'. No último dia 5 de outubro, levaram a música "Germe da força" a outro festival, que mesmo não conseguindo resultados em termos de classificação, serviu para mostrar um Marco Antonio romântico e um grupo muito talentoso e unido: "O Salada tem futuro porque todos são conscientes e procuram mais colaborar do que tentar intervir nas coisas. É um grupo 'obediente' (mas no bom sentido, viu?) porque também quer chegar lá. Os interesses se cruzam e o grupo está aí porque não dá trabalho, faz trabalho, e

posso cantar o que eu gosto, construir melhor aquilo que já fiz".

Quanto ao mercado de discos, ele diz que pensa pouco, prefere trabalhar e esperar surgir uma oportunidade. Logicamente, a divulgação que isto daria ao seu trabalho seria ótima e as pessoas poderiam então curtir o que foi feito com tanto amor e carinho. Músicas para um disco é o que não faltam, afinal ele tem entre 380 e 400 composições, e confessou que a maioria delas está guardada porque acha que as pessoas têm que descobri-las: "Só mostro o que deve ser mostrado e o restante fica aguardando, pois uma coisa puxa a outra". As vezes ele faz uma serenata e então os outros se sentem bem, "é melhor assim".

Sobre shows, festivais, rádio, ele exclamou: "Ai tem um rosário". O seu "currículo" é realmente grandioso: shows de música sacra, shows individuais, outros no Shopping Eldorado, pela Paulistur, no interior do estado, em hotéis de São Sebastião, com o conjunto de samba, no Maksoud Plaza, Piano 90 (Ufa...) e mais um tanto por aí. Já fez cobertura dos shows de Jorge Ben e Carlos Dafé, mas acha que o show que vai marcar sua vida ainda está por vir... Em todo tempo teve sempre escola de samba no meio: já

tocou na Mocidade Alegre, Camisa Verde e Branca, Acadêmicos do Tucuruvi, Filhotes da X-9, Passo de Ouro (onde ganhou o primeiro samba enredo), Mocidade Independente da Zona Norte (ganhando o segundo samba enredo) e adjacências.

No rádio tem feito muitas apresentações e, felizmente, os radialistas têm dado muita força, em especial a rádio Boa Nova de Guarulhos: "O pessoal confia muito no 'Tchan', é só chegar na rádio e tocar, e algumas estações falam da gente sem nos conhecer. O Paulo Rogério, Zé Maria, Faisca, a turma do Balancê, vai por aí... Tudo vai acontecendo e eu vou deixando, o importante é que estou voltando para as coisas que estão me instruindo".

Só que quando falei na influência da vida artística na familiar, ele franziu a testa. É, eu reconheço que este assunto é complicado porque também estou neste meio, mas eu sabia que ele iria responder-me. E a resposta veio assim: "Tem influência sim porque as pessoas não entendem o que é tocar violão. O pessoal entende o que é trabalhar, o que é ter um INPS, o que é ter uma conta no banco, o que é ter um apartamento, o que é pensar no futuro. Mas tem quem confie, ou senão quem desconfie mas sabe da força. E a gente es-

tá sempre aí. A partir do momento em que a gente não pede nada pra ninguém, é sinal de que estamos sobrevivendo". É, acho que ele tem razão.

Roberta Oliveira Straciari

Para "ver e ler" teatro, dança...

Os aficionados em teatro já podem contar com mais um ponto de encontro. Inaugurou em São Paulo a Ver e Ler, especializada em livros e materiais de artes cênicas. Esta casa não pretende ser somente uma livraria e intitula-se uma boutique das artes cênicas. Esta boutique tem um amplo catálogo sobre dança, teatro, circo e ópera além de materiais ligados às quatro áreas.

A livraria foi criada em dezembro de 1982, no hall do teatro Glaucê Rocha, no Rio de Janeiro, para abrigar o Centro de Estudos Nacional das Artes Cênicas. Aqui em São Paulo, contou com a colaboração do Instituto Nacional das Artes Cênicas da Secretaria da Cultura do Ministério da Educação e Cultura.

A Ver e Ler paulista será administrada pela atriz Patricia Macruz, e fica no hall do Teatro Eugênio Kusnet, na R. Teodoro Baima, 94.

Daniela Jacobsberg